

## **Seja bem-vindo, mas não se esqueça de ir embora: Como a mídia catarinense retrata quem vem de fora<sup>1</sup>**

Luiz Fernando Nascimento MENEZES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **Resumo**

O objetivo do presente artigo é perceber como a mídia catarinense representa os migrantes que se estabeleceram no estado e se essas pessoas recebem o mesmo tratamento que os catarinenses. Para isso, realizou a análise da cobertura de uma amostra de material jornalístico publicado nesses três veículos de acordo com a metodologia da Análise da Narrativa Pragmática proposta por Motta (2008). Também promove uma discussão sobre esses fenômenos com base nas ideias de Boaventura de Sousa Santos.

**Palavras-chave:** jornalismo; xenofobia; Santa Catarina; migração.

### **1. Brasil: um país de todos<sup>3</sup>**

“Primeiro veio o nome, depois uma terra chamada Brasil” (SCHAWRCZ; STARLING, 2015, p.21): o Brasil nasceu dos colonizadores portugueses e de respectivas imigrações. Os nativos indígenas que aqui moravam não consideravam a extensão de terra como um país, uma nação. O Brasil só foi realmente se tornar um “país” depois que os portugueses chegaram ao solo brasileiro e começaram a viver e governar aqui. No começo, o povoamento “brasileiro” se limitou a arraiais espalhados em diversas localidades, principalmente do litoral. No século XVI, com a exploração da cana-de-açúcar no Nordeste, há a transferência da pecuária para o sertão nordestino e, conseqüentemente o começo do extermínio dos nativos — tanto por genocídio quanto por etnocídio. Já no século XVII, aconteceram as chamadas bandeiras, que foram responsáveis por capturar indígenas para o trabalho escravo e acabaram ajudando no povoamento de algumas regiões. No século XVIII, com a descoberta das minas de ouro, mais portugueses vieram para o Brasil e se alojaram no interior do território.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1- Jornalismo do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 9 de setembro de 2016. Trabalho realizado como atividade do Pibic-UFSC/CNPq sob orientação do professor Jorge Kanehide Ijuim. Email: [ijuimjor@gmail.com](mailto:ijuimjor@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduando da 9ª fase do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista de iniciação científica, email: [luizfernandonmenezes@gmail.com](mailto:luizfernandonmenezes@gmail.com).

<sup>3</sup> Slogan do governo de Luís Inácio Lula da Silva.

Já no século XIX, começam as políticas de imigração para, entre outros objetivos, aumentar a mão-de-obra das produções agrícolas e para as minerações. Alemães, espanhóis e italianos chegam ao Brasil como “imigrantes desejáveis”, que ajudariam na economia e, ao mesmo tempo, embranqueceriam a população. Depois do ataque propagandista de Sílvio Romero contra a imigração germânica, em 1906, a elite brasileira passa ao exame da possibilidade de receber grupos não-europeus. “A ‘brancura’ continuou como um requisito importante para a inclusão na ‘raça’ brasileira” (LESSER, 2001), mesmo que essa “brancura” fosse mais uma categoria cultural do que étnica. Veio a vez dos chineses, sírios, libaneses e árabes. Em 1908, muitos japoneses também vieram ao país por meio de uma política de incentivo feita entre as duas nações.

Além das políticas de imigração, catástrofes e problemas políticos no continente africano e as crises econômicas na Europa — que depois ainda foram agravadas pelas duas guerras mundiais — também fizeram com que mais imigrantes chegassem ao Brasil. Na década de 20 e 40, por exemplo, houve um surto de imigração do povo lituano por causa da perda de territórios para a Polônia. E até hoje, países como a Síria, Haiti e do continente africano, por causa de desastres naturais, acabam procurando abrigo aqui no Brasil.

Hoje, por causa de uma propaganda internacional de informações imprecisas sobre a vida no país e em meio a crise capitalista nos países como os Estados Unidos e a França, o Brasil se torna um destino migratório importante (MAGALHÃES, 2015). Os haitianos, por exemplo, enxergam no Brasil um país racial democrático por causa da presença do exército brasileiro e miscigenado no Haiti, presente desde 2004 graças à Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah). Outras características fazem com que o Brasil acabe se constituindo como uma forte atração imigratória: um “meio continente” que apresenta desempenho positivo em sua performance econômica, sua imagem de país emergente e de destaque e liderança na América Latina.

Boaventura de Sousa Santos (2002) explica que, com o aumento das migrações, há, ao mesmo tempo, uma homogeneização da cultura e também um aumento da força da diversidade cultural. Ou seja, à medida que a interdependência e as interações globais se intensificam, também emergem novas identidades regionais, nacionais e locais:

Se é verdade que a intensificação dos contatos e da interdependência transfronteiriça abriu novas oportunidades para o exercício da tolerância, do ecumenismo, da solidariedade e do cosmopolitismo; não é menos verdade que, simultaneamente, têm surgido novas formas e manifestações de intolerância, chauvinismo, de racismo, de xenofobia e, em última instância, de imperialismo”. (SANTOS, 2002).

Mas o que é essa identidade nacional? O que é realmente “nação”? Hall (1997) explica que a ideia de nação nada mais é do que um símbolo, um discurso. Há uma construção social por meio da literatura — história, cultura popular, imagens e símbolos —, da ênfase das continuidades — a ideia de tradição — e da invenção de tradições “antigas”, que na verdade são recentes. A partir dessa ideia de nação, algumas culturas subjagam as outras, a fim de estabelecer uma hegemonia cultural.

Assim como acontece com as imigrações e a ideia de identidade nacional, as migrações internas — chamadas de inter regionais — também acabam dificultando a identificação de uma cultura de cada estado brasileiro. Como foi mencionado anteriormente, já no século XVII, as povoações brasileiras acabavam migrando para outros territórios em busca de melhores terras para a plantação de cana-de-açúcar e para a prática da pecuária<sup>4</sup>. No século XVIII, muitas pessoas foram atraídas para a Região Sudeste por causa das minerações. No século XIX, por causa da agricultura cafeeira, o estado de São Paulo foi palco de um grande movimento interno. Ou seja, sempre houve, no Brasil, pessoas migrando para outros lugares em busca de melhorias econômicas e benefícios sociais.

Como, então, é possível eleger uma cultura que consiga identificar os habitantes de determinado estado quando, desde o começo da história brasileira, diferentes povos acabaram migrando de uma região a outra? “Baianos”, “paulistas”, “mineiros”, “catarinenses” não passam de termos para caracterizar onde uma pessoa nasceu ou vive. Essa nomenclatura, no entanto, não representa uma identidade única, compartilhada por todos aqueles que são naturais de tal estado, sendo que esse mesmo estado é resultado de diversos movimentos inter regionais ao longo do tempo.

No estado de Santa Catarina por exemplo, dos 6.248.436 residentes, 1,18 milhão não são catarinenses<sup>5</sup>. E, a cada ano que passa, o número de pessoas não naturais de Santa Catarina aumenta: a região Sul é o estado que mais recebe migrantes de outras regiões atualmente.

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/principais-migracoes-inter-regionais-no-brasil.htm>

<sup>5</sup> Fonte: Censo Demográfico de 2010 do IBGE.

## 2. Do lado de cá, a vista é bonita, a maré é boa de provar<sup>6</sup>

Essa ideia de identidade que as pessoas acreditam compartilhar com outros “catarinenses”, “mineiros”, “brasileiros” etc., acaba produzindo certos estigmas e preconceitos com outros que não possuem tal categorização, tal “identidade”. Fruto da globalização, essa identidade pode ser vista como uma tentativa de particularizar a cultura de uma região: no momento em que identificamos os outros como outros, nós nos identificamos como nós, um grupo particular. Há, portanto, um relativismo cultural para tentar, a partir do princípio da diferença, obter uma identidade.

Santos (1997) diz que essa ideia é equivocada. A sociedade em geral só irá se tornar cosmopolita no momento em que aceitar que todas as culturas são incompletas e problemáticas e que cada uma possui uma ideia diferente acerca de determinado assunto. O autor acredita que devemos ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua através de um diálogo que se desenvolva com outras culturas. Procurar atingir uma completude, portanto, é um ato falho.

O problema é que essa ideia de regionalidade ou nacionalidade muitas vezes chega a produzir um sentimento de superioridade ou inferioridade, impossibilitando o diálogo. Boaventura de Sousa Santos (2007) caracteriza essa forma de pensar como pensamento abissal. Para ele, as duas principais linhas abissais estão no conhecimento e no direito moderno que, embora distintas, são interdependentes. No conhecimento, o pensamento abissal consiste “na concessão do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso à ciência, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia” (SANTOS, 2007, p. 72). A visibilidade do conhecimento científico acaba, portanto, tornando invisíveis outras formas de conhecimento que não se encaixam nessa categoria. Já no campo do direito moderno, a linha abissal está entre o que é legal e o que é ilegal de acordo com o direito determinado pelo Estado ou pelo direito internacional. No momento em que aceitamos que essas são as duas únicas formas de existências relevantes perante a lei, deixamos de fora “todo um território social, onde essa dicotomia seria impensável como princípio organizador” (SANTOS, 2007, p.73).

Em ambos os casos, as divisões são chamadas de abissais porque não reconhecem a relevância das realidades do outro lado da linha. Em vez de pensar que os dois lados podem existir simultaneamente, enriquecendo um ao outro, o pensamento abissal taxa as outras

---

<sup>6</sup> Trecho da música *Do lado de cá*, de Chimarruts.

culturas, outras formas de pensar, outros conhecimentos, como inúteis e irrelevantes. No que tange o artigo, os “nativos” pensam — e agem — como se fossem o lado hegemônico, o lado verdadeiro, enquanto os “migrantes” são vistos como os outros, o lado inferior, o lado esquecido.

No ensaio *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências* (2002), Santos critica a compreensão ocidental do mundo onde o oriente é visto como atrasado e chama essa razão desenvolvida na modernidade de “indolente” por ser insensível a outros tipos de racionalidade e por não suportar mudanças. Essa razão acaba reforçando o pensamento abissal — esse pensamento que se reivindica como a única forma de racionalidade e não se importa de descobrir (e, ao mesmo tempo, aprender com) outras maneiras de pensar — e criando ausências e inexistências — se não é importante ou útil para essa racionalidade, é esquecido, não existe.

Essa “razão indolente”, aliada à ideia de razões ausentes e/ou inexistentes e ao pensamento abissal, acaba criando monoculturas:

Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. O que une as diferentes lógicas de produção de não-existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional. (SANTOS, 2002, p. 246-247).

Boaventura identifica cinco monoculturas. A primeira — monocultura do saber — é o mais poderoso, porque “consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente” (SANTOS, 2002, p.247). A cultura e o conhecimento dos migrantes, por exemplo, não são valorizados ou sequer respeitados. A segunda monocultura é a do tempo linear, do progresso; é a ideia de que o futuro é uma linha progressiva que cresce em uma única direção. Um exemplo é a crença de que ajudar os mais necessitados é um gasto desnecessário, já que não dá nenhum retorno. Essa ideia pode ser encontrada no discurso do prefeito de Caxias Alceu Barbosa Velho, que disse, em entrevista ao jornal *Zero Hora*<sup>7</sup>, que os imigrantes não deviam receber ajuda adicional na busca de emprego:

Eles têm atendimento gratuito pelo SUS e acesso a tudo que as demais pessoas têm. Não é porque vieram de fora que vamos passar eles na frente de quem está aqui. Se eles querem trabalhar, têm de procurar trabalho. Está ruim para todos — afirma Alceu. (ANDRADE; TONETTO, 2016).

---

<sup>7</sup> Documento digital não paginado.

A monocultura da classificação social é a terceira monocultura. Consiste da distribuição das pessoas de acordo com hierarquias como classificação racial e classificação sexual. Ao contrário da classificação social em relação ao capital, esse tipo de identificação se assenta “em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social” (SANTOS, 2002, p.247). A ideia de que o homem branco é superior ao negro e de que essa inferioridade é insuperável porque é natural faz parte dessa lógica.

A quarta monocultura — da escala dominante — prevê que há um universalismo e que as particularidades são desvalorizadas: ao definirmos certas características como particular e “do local” de uma certa cultura, estamos aprisionando-as e incapacitando-as de serem alternativas ao que existe e é considerado como global e universal. E a última monocultura é chamada de produtivista, pois prevê que o crescimento econômico é um objetivo racional e inquestionável e, portanto, o método produtivista que melhor produzir esse crescimento é considerado também inquestionável. Nesse pensamento, o capitalismo é o único modo de produção aceito, sendo assim, aquele que opta por outra maneira de viver, por exemplo, é considerado improdutivo.

Percebe-se, então, que migrantes e imigrantes acabam sendo colocados “do outro lado” da linha abissal por diversos motivos: pela diferenças culturais, pelas diferenças sociais, por serem vistos como atrasos e atrasados perante a ideia progressista do capitalismo e até por não “pertencerem” ao local onde se alocam. Esse esquecimento, que muitas vezes vem aliado à xenofobia e ao preconceito, causa uma desigualdade de cidadania: não possuem os mesmos direitos — sejam eles civis, políticos e sociais — e não são tratados da mesma maneira. Quem vem de fora não possui o mesmo “status” e nunca vai usufruir da mesma cidadania de quem nasceu no local (MARSHALL, 1967).

Mas como combater essa razão indolente? A narrativa jornalística pode ser uma maneira de tirar a invisibilidade do outro lado. Medina (2003) aponta que os jornalistas deveriam deixar de lado pautas que produzem significados conservadores e procurar aquelas que descubrem novos sentidos. O jornalismo pode dar visibilidade aos esquecidos, pode tentar diminuir o preconceito e o abismo que separa um lado do outro.

O problema é que, muitas vezes, o jornalismo acaba fazendo o contrário: dá “supervisibilidade” às culturas que o interessa (culturas essas parecidas com a hegemônica), reforçando os mesmos valores e as mesmas concepções de verdade; e oculta fatos que vão contra seus critérios de noticiabilidade, como novos conhecimentos ou pensamentos. Ou

seja, o jornalismo, em vez de lutar contra essa razão indolente, acaba reforçando-a e aumentando ainda mais a altura do abismo entre os dois lados.

### 3. Seja bem-vindo, mas não se esqueça de ir embora<sup>8</sup>

Dos mais de um milhão de pessoas residentes em Santa Catarina, 18 mil são estrangeiros, de acordo com o Censo 2010. Essas pessoas, na maioria das vezes vêm ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Com culturas e línguas diferentes, esses estrangeiros recebem auxílio de entidades que os ajudam a aprender o português, dão cama e comida e até os auxiliam na busca de empregos. O problema é que, junto com isso, vem também o preconceito das outras pessoas, dos que se identificam como “nativos”.

Até as pessoas que vêm somente visitar o estado muitas vezes são vistas com olhos preconceituosos:

Sou de Florianópolis e acredito que a entrada na cidade deveria continuar de graça para todos os moradores de Santa Catarina. Em vez de cobrar R\$23,00 para quem é de fora da grande Florianópolis, acho que ficaria melhor cobrar R\$70,00 ou R\$80,00 reais para quem é de fora do nosso estado. Assim seria uma boa medida para conter os farofeiros que vem para o nosso litoral dividir uma casa em 20 pessoas e só causam caos no trânsito e no abastecimento de água.

Comentário publicado sobre a matéria **Florianópolis pode ter pedágio para turistas durante a temporada**. *Diário Catarinense*, 13 out 2015.

Cremilda Medina (2003) acredita que os leitores procuram nas narrativas contemporâneas as tramas daqueles que não têm voz e a história dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional. O papel do jornalista, portanto, é dar visibilidade aos esquecidos e diminuir a diferença imaginada das linhas abissais. É fazer com que os leitores passem a conhecer o outro não como o outro, mas como uma pessoa diferente com a qual podem adquirir novos conhecimentos e enriquecer sua própria cultura.

Mas a mídia catarinense vem fazendo isso?

Para verificar como está a relação do jornalismo com os imigrantes e migrantes residentes do estado de Santa Catarina, utilizaremos a metodologia descrita por Motta (2008) chamada Análise Pragmática da Narrativa. Para o pesquisador, toda

narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as

---

<sup>8</sup> Frase estampada em adesivo encontrada em alguns carros de Florianópolis. Fonte: BARBABELA; MAQUES, 2015.

identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. (MOTTA, 2008, p.2).

Sendo assim, é possível perceber as estratégias comunicativas, as intenções e os objetivos da mídia ao noticiar qualquer assunto. Para descobrir quais as intenções dos veículos midiáticos ao relatar acontecimentos ligados ao migrantes e imigrantes, foram selecionadas notícias, colunas e reportagens do grupo RBS (Diário Catarinense, Hora de Santa Catarina) de notícias e dos portais *GI Santa Catarina* e *Notícias do Dia* em dias aleatórios no espaço de tempo de 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2015. Ao todo, foram escolhidas 42 narrativas. Para trabalhar com um objeto mais maleável, foram retiradas aleatoriamente 22 matérias. A análise seguiu os seis procedimentos supostos pela metodologia sugerida por Luiz Gonzaga Motta (2008): recomposição do acontecimento, identificação dos conflitos, construção de personagens jornalísticas, estratégias comunicativas, relação comunicativa e metarrativas. Essa metodologia traz como pressuposto que toda narrativa é uma organização espontânea e intuitiva e que, a partir dos enunciados, é possível relacionar um acontecimento com o outro em uma ordem e perspectiva, afim de se determinar um desenrolar lógico e cronológico e perceber as intenções e objetivos de quem narra.

Na recomposição do acontecimento, que é o primeiro movimento proposto por Motta, conecta-se as partes — no caso, as notícias —, identifica-se as serialidades temáticas e o encadeamento narrativo cronológico para que possamos compreender o tema numa síntese. Como o artigo trabalha com diferentes acontecimentos relacionados ao migrantes e imigrantes que estão em Santa Catarina, a frase “Pessoas que vêm de fora do estado são tratadas de maneira desigual pelos catarinenses” é a que consegue se aproximar mais de uma síntese da narrativa estudada.

A identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios — segundo procedimento da metodologia — é a percepção das quebras de expectativas principais e secundárias desse acontecimento, aquilo que faz com que ele seja noticiado. Como o estudo foi realizado durante um ano, é possível perceber cinco conflitos diferentes: 1) os migrantes, como turistas, que vêm ao litoral catarinense durante as férias e levam a culpa por sobrecarregar a infraestrutura na época, 2) imigrantes e migrantes que cometem crimes em Santa Catarina, 3) aumento da imigração de haitianos, sírios e senegaleses, que faz com que o governo tenha que destinar recursos humanos e financeiros para atendê-los 4)



imigrantes que realizaram ações positivas em solo catarinense e 5) crimes de ódio relacionados à imigração.

É possível perceber, portanto, que o conflito principal apresentado na mídia nada mais é do que reflexo o próprio conflito de nacionalidades e regionalidades: a ideia de que os migrantes e imigrantes são “os outros”. Além das quebras de expectativas, o segundo procedimento prevê a determinação de episódios. A narrativa, portanto, sugere que há uma situação estável — Santa Catarina apenas com catarinenses —, e que, depois de complicações, — turistas que vão “sujar as praias” e “instaurar o caos no trânsito” durante a alta temporada, imigrantes que precisam de recursos do governo e ainda cometem crimes — tenta ter alguns desfechos como políticas para tentar resolver os conflitos.

Durante o terceiro procedimento é que se dá a construção de sentido por trás dos personagens da narrativa. Já pelos títulos é possível identificar o tratamento diferente que a mídia atribui às pessoas que vêm de fora: “Casal de haitianos é preso em SC por suspeita de matar recém-nascido”, “Haitiano mata companheira com golpe de faca em Chapecó”, “Paraguaia é presa em SC por usar o nome da ex do marido por 25 anos”. Das quatro notícias relacionadas a crimes cometidos por pessoas não catarinenses, três escancaram a nacionalidade da pessoa já no título. E isso é realmente necessário? Em crimes de pessoas do mesmo estado, a palavra “catarinense” nunca aparece com o mesmo destaque, utilizando apenas termos como “casal”, “homem”, “jovem”, etc.

Tratamento parecido acontece com os turistas que vão à Santa Catarina na alta temporada. Em uma das notícias sobre o assunto, os primeiros parágrafos são todos destinados à operação de segurança pública que será realizada durante a época: quantos policiais e bombeiros estarão à disposição, os lugares onde vão focar o policiamento, e as cidades que receberão “reforços”.

Presente na reunião, D’Avila disse ainda que neste ano, pela primeira vez, o Instituto Geral de Perícias terá reforço no efetivo nas cidades de Criciúma, Tubarão, Laguna e Balneário Camboriú. “Teremos um aumento significativo de policiais, especialmente na região do Litoral e vamos transferir para essa região praticamente um terço do efetivo. Em função das operações de jogos e diversões, vamos dar ênfase maior principalmente a casas de shows, bares e similares.

**Santa Catarina se prepara para a chegada de mais de 8 milhões de turistas**, *Diário Catarinense*, 14 out 2015.

Em uma notícia que também apresentava dados como investimentos de empresas como a Casan e a Celesc em infraestrutura e também dados que explicassem a previsão de 8

milhões de pessoas, é curioso ver que o destaque foi a segurança pública. Com essas estratégias, a mídia confere aos migrantes e imigrantes o papel de “vilões” da história: eles são tratados como aqueles que só vêm aqui para cometer crimes e fazer o mal.

Vale ressaltar, entretanto, que nem todos os imigrantes e migrantes recebem essa mesma classificação. Enquanto haitianos, sírios e senegaleses — quem vêm de países com uma economia mais pobre, geralmente procurando emprego — são vistos com preconceito, imigrantes de países com uma situação econômica melhor que a do Brasil são vistos como exóticos. Um exemplo está na notícia que narra a história do Hotel Boutique Quinta das Videiras da Grande Florianópolis, que reforça o caráter português da obra e as “qualidades estrangeiras” do estabelecimento:

O cliente ainda conta com um spa e um bistrô. Francês, o chef do bistrô elaborou um cardápio internacional, mas que também incorpora produtos típicos locais. “Esse ano vamos focar nos pratos da região. Um dos nossos pratos mais pedidos é o ceviche de camarão”, conta o chef francês Yann Massot.

**Casarão português, em Florianópolis, abriga hotel boutique com atendimento e estrutura exclusiva**, *Notícias do Dia*, 19 set 2015.

No quarto procedimento, são identificadas as estratégias comunicativas utilizadas para conferir sentidos e produzir efeitos. Além do uso da nacionalidade e da regionalidade nos títulos quando o assunto é de caráter criminal, muitas matérias repetem o termo ou outra construção frasal que relaciona a pessoa a outro país no corpo da matéria. Na matéria “Haitiano mata companheira com golpe de faca em Chapecó”, do G1 Santa Catarina, por exemplo, além da nacionalidade destacada no título, o texto de três parágrafos repete mais três vezes a origem do agressor e usa a expressão “também do Haiti” para falar da esposa assassinada.

O **haitiano** contou à polícia que os dois discutiam quando a mulher tentou agredi-lo com a faca. Em defesa, o marido tomou a arma e revidou o golpe. Conforme relato do suspeito, apenas um golpe foi desferido sob a vítima. O **haitiano** foi encaminhado à Delegacia de Chapecó.

**Haitiano mata companheira com golpe de faca em Chapecó**, *G1 Santa Catarina*, 07 jan 2015 (grifos meus).

Além da repetição das origens, é possível perceber outros recursos linguísticos e extralinguísticos que colocam a ideia de que aquele que vem de fora é “o outro”. Um deles é o uso da palavra “mais” também nos títulos, quando o assunto é imigração haitiana

**Mais 27 haitianos desembarcaram em Florianópolis nesse domingo**, *G1 Santa Catarina*, 28 ago 2015.

**Santa Catarina receberá mais 10 imigrantes haitianos até o fim de semana, *Diário Catarinense*, 24 jun 2015.**

O uso desse advérbio de intensidade não é necessário em nenhum dos dois casos e dá a ideia de que a imigração está sendo contínua, uma imigração em massa, que cada vez mais traz pessoas de fora para Santa Catarina; um “envio indiscriminado de imigrantes” para o estado, como dito na matéria “Prefeitura de Florianópolis vai protestar contra envio de imigrantes”, do G1 Santa Catarina.

A Prefeitura de Florianópolis irá formalizar um protesto no Ministério da Justiça pelo "envio indiscriminado de imigrantes" para a capital. O anúncio foi feito pelo prefeito Cesar Souza Junior neste domingo (24). “Esse não é um protesto contra os imigrantes, mas sim contra a forma como o governo federal e o Estado do Acre estão agindo. O protesto é contra a transferência de responsabilidade ao município e também pela maneira como o governo federal e o governo do Acre expuseram os imigrantes, com absoluta falta de planejamento e sem qualquer comunicação oficial à prefeitura”, afirmou Cesar Souza Junior.

**Prefeitura de Florianópolis vai protestar contra o envio de imigrantes, *G1 Santa Catarina*, 24 mai 2015.**

Pode ser caracterizada como outra estratégia comunicativa a falta de contextualização: são poucas as informações sobre os problemas atuais dos imigrantes, o que os fizeram procurar abrigo no Brasil, as causas da imigração e até a situação atual dos seus países de origem. Além disso, nas duas matérias que se propõem a explicar alguns desses pontos, poucos imigrantes foram ouvidos. Na matéria “Aprenda a se comunicar com os haitianos em crioulo”, do *Diário Catarinense*, foram citados apenas dois imigrantes, sendo que só um recebeu espaço de voz na matéria. A outra, “Haitianos: os imigrantes do século 21 em Santa Catarina”, do *Notícias do Dia*, já ouviu mais refugiados: quatro, sendo que apenas dois foram aspeados durante a matéria. Na maioria das vezes, a situação dos imigrantes era explicada por empresários contratantes, policiais ou servidores públicos que os ajudaram a achar trabalho, moradia e alimentação.

O empresário Laerte Mello, um dos que foram ao Capoeirão, contratou dois imigrantes. Um deles, com curso técnico no Haiti, receberá inicialmente salário de R\$ 1,780 para trabalhar de soldador na marcenaria de Mello. “Eles já estão inclusive acomodados em uma quitinete em cima da marcenaria. Começam na segunda-feira”, disse. As carteiras de trabalho para haitianos têm sido expedidas de um dia para o outro, enquanto os brasileiros esperam entre cinco e 15 dias. Nem todos os haitianos que chegaram recentemente a Santa Catarina conseguiram emitir a carteira de trabalho, pois alguns não

tem CPF. Mesmo assim, Mambrini [chefe da seção de políticas de trabalho, emprego e renda do SRTE] projeta que este ano o número de carteiras de trabalhos para haitianos seja quatro vezes maior do que em 2014. “Se permanecer o movimento dos cinco primeiros meses, a tendência é de que o número se multiplique”, projetou.

**Haitianos: os imigrantes do século 21 em Santa Catarina.** Notícias do Dia, 30 mai 2015.

Quando o assunto relacionado aos migrantes e imigrantes é positivo, como nascimentos, conquistas e trabalhos, muitas vezes a notícia tem caráter político, como ações do governo ou de outras instituições que mostram certo esforço para ajudar essa parcela da população. Nesses casos, os imigrantes e migrantes são colocados em segundo plano:

A enfermeira Rafaela conta que o maior desafio foi a comunicação, já que a haitiana não entendia o português. “Foi um fator de complicação, a gente precisava saber algumas informações dela. Por sorte, alguns haitianos que vieram buscar atendimento ajudaram a traduzir e acalmá-la”, lembra a enfermeira. Aos poucos, a haitiana e a equipe médica foram se entendendo. “A dor e o amor a gente expressa com o corpo”, disse Rafaela. Segunda a UBS, a haitiana já havia feito alguns exames de pré-natal na unidade de saúde.

**Haitiana dá à luz uma menina em posto de saúde de Palhoça, SC**, *G1 Santa Catarina*, 29 jul 2015.

Ao noticiar acontecimentos como esses — nascimentos, políticas públicas, histórias de superação de imigrantes — colocando agentes catarinenses em foco, ao mesmo tempo em que essa mesma mídia noticia crimes e situações de conflito e rebaixa aqueles que vem de fora, há a criação de sentido de que o estado faz tudo que pode para ajudá-los, mas eles não se ajudam. Cria-se a imagem de uma Santa Catarina que está aberta para os migrantes, ensinando-os português<sup>9</sup>, permitindo que eles abram programas de rádio<sup>10</sup>, respeitando sua cultura<sup>11</sup> e são exemplos de hospitalidade<sup>12</sup>; quando essa mesma sugere que a criminalidade está na origem da pessoa, que cobra dos turistas os erros de infraestrutura que ela possui e que possui xenofobia<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> Professora ensina português de graça a imigrantes no Sul de SC, *G1 Santa Catarina*, 16 set 2015.

<sup>10</sup> Haitianos fazem programa de rádio em francês e crioulo no litoral de SC, *G1 Santa Catarina*, 08 nov 2015.

<sup>11</sup> Família refugiada no Brasil espera primeiro ‘manezinho sírio’, *Notícias do Dia*, 30 set 2015.

<sup>12</sup> Sírios fogem da guerra civil e fazem planos para o futuro em Florianópolis, *Notícias do Dia*, 09 set 2015.

<sup>13</sup> Corpo de haitiano morto o litoral de SC aguarda liberação após três dias, *G1 Santa Catarina*, 20 out 2015.

A metodologia propõe como quinto movimento a observação do “contrato cognitivo” entre os jornalistas — narradores — e a sua audiência — narratário. A mídia está cumprindo com o seu contrato o seu papel objetivo? Após os quatro movimentos anteriores, é possível perceber que, no momento em que as notícias tratam imigrantes e migrantes de maneira diferenciada, fazendo questão de trazer a nacionalidade à tona em assuntos negativos e colocando-os como personagens secundários quando o assunto é positivo (para assim enaltecer a imagem de estado acolhedor), há o rompimento do contrato. Como ser objetivo se o preconceito, a linha abissal citada por Boaventura de Sousa Santos está presente na própria forma de narrar?

E, para finalizar, o sexto movimento da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística: determinação de um fundo ético ou moral para a narrativa. Depois da leitura das 20 matérias, é possível perceber que a constatação do primeiro movimento (“Pessoas que vêm de fora do estado são tratadas de maneira desigual pelos catarinenses”) está bem escancarada na mídia. A ideia expressa é a de que alguns tipos de migrantes são bem-vindos ao estado cheio de hospitalidade que é Santa Catarina — aqueles que dão lucro, aqueles que possuem uma cultura mais “elevada”, avançada — enquanto outros são vistos como *haoles* (termo havaiano utilizado para caracterizar negativamente alguém que não é de origem havaiana e vai surfar nas praias do Havaí), pessoas que vêm sujar as praias e as cidades, aumentar a criminalidade e causar confusão, quando não para utilizar recursos do governo e até roubar empregos.

## 5. Considerações finais

Não tem que cobrar pedágio de quem vai passear em Florianópolis e sim daqueles que saem de suas terras que já estão condenadas e migram para a nossa, adotando-a como deles... É a mesma coisa que cobrar da tainha um pedágio em junho e Julho e não cobrarem nada dos gaúchos que aí estão o ano inteiro. Tem que ter fiscalização na migração isso sim.

Comentário publicado na matéria **Florianópolis pode ter pedágio para turistas durante a temporada**. *Diário Catarinense*, 13 out 2015.

Assim como Adelmo Genro Filho (2012) explica, não existe jornalismo imparcial. O problema é que o jornalismo retira sentido dos fatos com base nos preconceitos e concepções dominantes na sociedade, do “senso comum”; quando, na verdade, ele deveria ser usado para lutar contra a ideologia dominante e atuar pela transformação da sociedade. No caso apresentado neste trabalho, a mídia jornalística reflete os preconceitos e a

xenofobia para com os imigrantes e migrantes, em vez de tentar desfazer essas imagens negativas do imaginário do leitor.

Ao saírem de seus países e virem para o Brasil, essas pessoas são excluídas, tanto pela mídia quanto pela sociedade. E como combater isso? Ainda segundo Genro Filho (2012), o jornalismo também pode servir como uma possibilidade dos indivíduos participarem do mundo “mediato” pela via de sua feição dinâmica e singular, atribuindo significações e totalizando de maneira permanente como se estivessem vivendo na imediaticidade de seu lugar de origem. É preciso dar espaço para os imigrantes. É preciso dar espaço para seus costumes, suas culturas, sua vidas, para que, assim, eles passem a se sentir membros da nova sociedade.

Só que os jornais catarinenses não enxergam os migrantes como possíveis leitores. Os próprios portais de notícia não os consideram parte da sociedade. Em *O papel do jornal*, Alberto Dines defende que o jornal deve sempre se basear no leitor: “o grau de importância de um assunto é primariamente fornecido pelas características do leitor que compõe o perfil da audiência do veículo” (DINES, 1986, p. 95). Como cobrar de uma sociedade o pensamento plural, que não vê apenas seu próprio centro como uma única realidade (DUSSEL, 1976), quando o próprio jornalismo está ajudando a criar barreiras em suas fronteiras e não está enxergando os outros? Há muitas coisas que o jornalismo não está narrando sobre os migrantes. Mais do que os crimes cometidos por alguns e a violência sofrida por outros, é necessário desvincular a imagem do migrante da do animal, do exótico, do estranho e passar a tratá-los igualmente, como cidadãos, como pessoas e, acima de tudo, como seres humanos.

É preciso buscar o pensamento pós-abissal proposto por Santos (2007), que propõe uma ecologia dos saberes, uma razão que reconhece no outro uma fonte de conhecimentos heterogêneos e interações sustentáveis. O jornalismo deve, portanto, contribuir para que haja essa ponte, essa troca de saberes entre diferentes culturas. No momento em que os portais reforçam determinadas condições imaginárias de cidadania e de nação e tratam as pessoas que não são naturais do estado de uma maneira diferente; eles próprios estão se privando de uma vasto espectro de novos conhecimentos, novas pautas, novos assuntos e de novos leitores.

## REFERÊNCIAS

- DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4ª ed. amp. e atual., com um apêndice sobre a questão do diploma. São Paulo: Summus, 1986.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. São Paulo/Piracicaba: Loyola/UNIMEP, 1976.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **O Haiti é aqui**: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina. Florianópolis: REBELA. 2015. Disponível em: <<http://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/218>>. Acesso em: 19/11/2015 às 19:11
- MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, classe social e status**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1967.
- MEDINA, Cremilda. Narrativas da contemporaneidade. In: MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003. P. 47-61.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**. N. 79, p. 71-94. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N. 63, p. 237-280. 2002. Disponível em: <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF)>
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. Coimbra: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N. 48, p. 79-94 Disponível em: <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao\\_multicultural\\_direitos\\_humanos\\_RCCS48.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF)>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002. P. 25-94.
- SCHAWRCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

## MATÉRIAS CONSULTADAS

\*ANDRADE, Andrei; TONETTO, Mauricio. “Vem esse bando de imigrantes e temos que dar trabalho e comida?”, diz prefeito de Caxias. **Zero Hora**, publicado em 04/05/2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/05/vem-esse-bando-de-imigrantes-e-temos-de-dar-trabalho-e-comida-diz-prefeito-de-caxias-5793331.html>> Acesso em 07/06/2016.

\*BARBABELA, Paula; MARQUES, Amanda Ribeiro. Xenofobia ergue muros entre nativos e migrantes enquanto acirra segregação cultural. **Zero**, outubro de 2015.

CASAL de haitianos é preso em SC por suspeita de matar recém-nascido. **G1 Santa Catarina**, publicado em 18/09/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/09/casal-de-haitianos-e-preso-em-sc-por-suspeita-de-matar-recem-nascido.html>>. Acesso em 12/06/2016.

CORPO de haitiano morto no litoral de SC aguarda liberação após três dias. **G1 Santa Catarina**, publicado em 20/10/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/10/apos-3-dias-corpo-de-haitiano-morto-em-navegantes-aguarda-liberacao.html>> Acesso em 12/06/2016

DUARTE, Gabriele. Haitianos e senegaleses em SC: “Imigrantes ocupam postos que são dispensados”, diz representante da Fiesc. **Hora de Santa Catarina**, publicado em 24/05/2015. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/05/haitianos-e-senegaleses-em-sc-imigrantes-ocupam-postos-que-sao-dispensados-diz-representante-da-fiesc-4767617.html>>. Acesso em 12/06/2016.

FALSOS curandeiros são presos na Serra por vender poções mágicas contra maldições. **Diário Catarinense**, publicado em 10/09/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/09/falsos-curandeiros-sao-presos-na-serra-por-vender-pocoes-magicas-contramaldicoes-4845148.html>>. Acesso em 12/06/2016.

FARACO, Mariana. Haitiana dá à luz uma menina em posto de saúde de Palhoça, SC. **G1 Santa Catarina**, publicado em 29/07/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/haitiana-da-luz-uma-menina-em-posto-de-saude-de-palhoca-sc.html>> Acesso em 12/06/2016

FOLTRAN, Mônica. Santa Catarina se prepara para a chegada de mais de 8 milhões de turistas. **Diário Catarinense**, publicado em 14/10/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/10/santa-catarina-se-prepara-para-a-chegada-de-mais-de-8-milhoes-de-turistas-4878236.html>> Acesso em: 12/06/2016, às 12:37

HAITIANOS fazem programa de rádio em francês e crioulo no litoral de SC. **G1 Santa Catarina**, publicado em 08/11/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/11/haitianos-fazem-programa-de-radio-em-frances-e-crioulo-no-litoral-de-sc.html>> Acesso em 12/06/2016

HANGAI, Luís Antônio. Depois de um mês no abrigo, haitianos ainda procuram emprego em Florianópolis. **Diário Catarinense**, publicado em 06/08/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/08/depois-de-um-mes-no-abrigo-haitianos-ainda-procuram-emprego-em-florianopolis-4819091.html>>. Acesso em 12/06/2016.



JUNGES, Leandro. Aprenda a se comunicar com os haitianos em crioulo. **Diário Catarinense**, publicado em 30/05/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/05/aprenda-a-se-comunicar-com-os-haitianos-em-crioulo-4770945.html>>. Acesso em 12/06/2016.

HAITIANO mata companheira com golpe de faca em Chapecó. **G1 Santa Catarina**, publicado em 07/01/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/01/haitiano-mata-companheira-com-golpe-de-faca-em-chapeco.html>>. Acesso em 12/06/2016.

MAIS 27 haitianos desembarcam em Florianópolis neste domingo. **G1 Santa Catarina**, publicado em 28/06/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/06/mais-27-haitianos-desembarcam-em-florianopolis-neste-domingo.html>>. Acesso em 12/06/2016.

\*MARTINI, Rafael. Florianópolis pode ter pedágio para turistas durante a temporada. **Diário Catarinense**, publicado em 13/10/2015. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2015/10/13/florianopolis-pode-ter-pedagio-para-turistas-durante-a-temporada/?topo=67%2C2%2C18%2C%2C%2C67>>. Acesso em 12/06/2016.

PARAGUAIA é presa em SC por utilizar nome da ex do marido por 25 anos. **G1 Santa Catarina**, publicado em 29/10/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/10/paraguaia-e-presa-em-sc-por-usar-nome-da-ex-do-marido-durante-25-anos.html>>. Acesso em 12/06/2016

PREFEITURA de Florianópolis vai protestar contra envio de imigrantes. **G1 Santa Catarina**, publicado em 24/05/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/05/prefeitura-de-florianopolis-vai-protestar-contr-envio-de-imigrantes.html>>. Acesso em 12/06/2016.

PROFESSORA ensina português de graça a imigrantes do Sul de SC. **G1 Santa Catarina**, publicado em 16/09/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/09/professora-ensina-portugues-de-graca-imigrantes-no-sul-de-sc.html>>. Acesso em 12/06/2016.

ROSA, Gabriel. Autor de proposta de pedágio para turistas em Florianópolis projeta cobrança próxima a R\$ 20 por verão. **Diário Catarinense**, publicado em 13/10/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/10/autor-de-proposta-de-pedagio-para-turistas-em-florianopolis-projeta-cobranca-proxima-a-r-20-por-verao-4876880.html>>. Acesso em 12/06/2016

SANTA Catarina receberá mais 10 imigrantes haitianos até o fim de semana. **Diário Catarinense**, publicado em 24/06/2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/06/santa-catarina-recebera-mais-10-imigrantes-haitianos-ate-o-fim-de-semana-4788077.html>>. Acesso em 12/06/2016.

STEPANSKI, Elaine. Casarão português, em Florianópolis, abriga hotel boutique com atendimento e estrutura exclusiva. **Notícias do Dia**, publicado em 19/09/2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/282778-casarao-portugues-em-florianopolis-abriga-hotel-boutique-com-atendimento-e-estrutura-exclusiva.html>>. Acesso em 12/06/2016

THOMÉ, Leonardo. Haitianos: os imigrantes do século 21 em Santa Catarina. **Notícias do Dia**, publicado em 30/05/2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/259245-haitianos-os-imigrantes-do-seculo-21-em-santa-catarina.html>>. Acesso em 12/06/2016.

THOMÉ, Rafael. Família refugiada no Brasil espera primeiro “manezinho sírio”. **Notícias do Dia**, publicado em 30/09/2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/284972-familia-refugiada-no-brasil-espera-primeiro-manezinho-sirio.html>> Acesso em 12/06/2016

\_\_\_\_\_. Sírios fogem da guerra civil e fazem planos para o futuro em Florianópolis. **Notícias do Dia**, publicado em 09/09/2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/281209-sirios-fogem-da-guerra-civil-e-fazem-planos-para-o-futuro-em-florianopolis.html>> Acesso em 12/06/2016

\* Matérias que não participaram da análise.